

PRODUÇÃO DE IMAGENS NA PESQUISA DE CAMPO: A FOTOGRAFIA NO ESTUDO DE PRÁTICAS COM TICS

THE PRODUCTION OF IMAGES WITHIN FIELD WORK: PHOTOGRAPHY IN THE STUDY OF PRACTICES WITH ICTS

PRODUCCIÓN DE IMÁGENES EN LA INVESTIGACIÓN DE CAMPO: LA FOTOGRAFÍA EN EL ESTUDIO DE PRÁCTICAS CON TIC

João Vicente Ribas

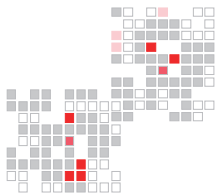
■ Docente da Universidade de Passo Fundo (UPF). Doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Seus trabalhos mais importantes são: *As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais* (2019), *Ambivalência do conceito de hibridismo na canção latino-americana* (2019).

■ E-mail: jvribas@upf.br

Ana Carolina D. Escosteguy

■ Pesquisadora do CNPq. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora Visitante do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Católica do Uruguai (UCU). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Seus trabalhos mais importantes são: *Cartografias dos estudos culturais* (2001), *As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais* (2019).

■ E-mail: carolad2017@gmail.com



RESUMO

O relato de uma experiência sobre o uso da fotografia como instrumento auxiliar na pesquisa de campo é o tema deste artigo. Durante investigação, buscando detalhar as práticas com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) de famílias agricultoras, introduzimos o registro fotográfico nas saídas a campo e, ao longo do percurso, ampliamos sua importância no desenho metodológico, principalmente, como meio de produção de situações observáveis. Com isso, apresentamos uma proposição para o uso do recurso da fotografia em pesquisas sobre práticas com as TICs.

PALAVRAS-CHAVE: FOTOGRAFIA. METODOLOGIA. TICS. ESTUDOS CULTURAIS.

ABSTRACT

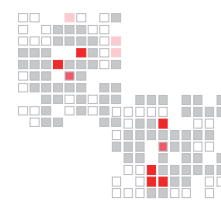
The use of photography as an auxiliary instrument in field research is the subject of this article. During research, seeking to detail the practices with Information and Communication Technologies (ICTs) of farming families, we introduced the photographic record in the fieldwork and, throughout the pathway, we expanded its importance in the methodological configuration, mainly, as a way of producing observable situations. Here we describe this experience and, at the same time, we present a proposal for using photography in studies about uses of ICTs.

KEYWORDS: PHOTOGRAPHY. METHODOLOGY. ICTS. CULTURAL STUDIES

RESUMEN

El tema de este artículo es el informe de una experiencia sobre el uso de la fotografía como instrumento auxiliar en la exploración de campo. Durante la investigación, que buscaba detallar las prácticas con las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) de familias rurales, adoptamos el registro fotográfico en las salidas a campo y, a lo largo del curso, ampliamos su importancia en el diseño metodológico, principalmente como un medio para producir situaciones observables. Con eso, presentamos una propuesta para el uso de la fotografía en la investigación sobre prácticas cotidianas con las TIC.

PALABRAS-CLAVE: FOTOGRAFÍA. METODOLOGÍA. TIC. ESTUDIOS CULTURALES.



1. Introdução

Guiados pela noção de reflexividade (Neves; Nogueira, 2005), retomamos o uso do recurso da fotografia na pesquisa sobre práticas cotidianas com tecnologias de comunicação no espaço rural (Escosteguy et al, 2019)¹. Estudos focados em usos e práticas com as TICs têm investido na pesquisa de campo baseada principalmente em entrevistas, combinadas com outras técnicas qualitativas como a observação. Em alguns casos, também, são usadas técnicas de caráter quantitativo. Porém, a pesquisa com imagem não tem merecido atenção, ao menos quando se trata do tipo de investigação que se situa nos Estudos Culturais articulados com a Comunicação.

Mesmo na antropologia, “as imagens e os sons, durante boa parte do século XX, desempenharam o papel de ‘anexo’ ou de ‘ilustração’ nas pesquisas”. Tendo se consolidado como uma disciplina predominantemente escrita, apenas em meados do século passado, com o deslocamento paulatino do seu objeto de estudo das “ditas sociedades ‘primitivas’” para as “modernas sociedades complexas”, é que as pesquisas antropológicas encararam os desafios de usar imagens visuais e/ou sons na produção de conhecimento” (Eckert; Rocha, 2016, p. 277).

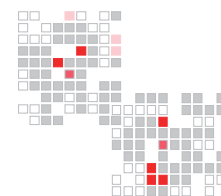
Mesmo que não tenhamos o mesmo tipo de abordagem dos antropólogos que costumam vivenciar intensamente as culturas e sociedades humanas que pesquisam, com imersão em campo por longos períodos de experiência etnográfica, apostamos em nossa pesquisa no uso da fotografia como instrumento de investigação. Com possibilidades mais restritas de saídas de campo e com o objetivo de compreender as apropriações e incorporações das TICs no cotidiano da agricultura familiar, utilizamos inicialmente o re-

curso da fotografia para conservar o registro das visitas realizadas às distintas propriedades rurais. Assim, tanto essas imagens testemunham que “estivemos lá”, quanto ilustram nossas incursões no campo. Mais tarde, percebemos que a produção de imagens poderia maximizar as chances de produzirmos informações pertinentes sobre o grupo social investigado, se a fotografia fosse construída com método. É sobre esse processo e experiência de distintos usos das imagens produzidas que nos propomos refletir, aproximando-nos de algumas contribuições da antropologia visual.

Situando nossa metodologia perante a antropologia realizada no Brasil, notamos uma aproximação com os estudos urbanos, conforme Eunice Durham (1986, p. 19) descreve. Pois, historicamente, os antropólogos dedicaram-se a populações indígenas e a sociedades rurais isoladas, empregando métodos de integração às comunidades estudadas. Contudo, em nossa pesquisa, entende-se que não há uma dicotomia rural-urbano. Nossa investigação “apoiou-se na compreensão de que o rural é uma categoria em construção, fruto das interações dos sujeitos com o espaço geográfico ao longo da história (...). E que ruralidade, por sua vez, dá conta da relação que as pessoas estabelecem com este espaço, tanto no concreto, no vivido, como no simbólico, no representado” (Guerin et al, 2019, p. 50).

Ao longo de sua história, a antropologia desenvolveu amplamente uma preocupação com a natureza da relação do pesquisador/a com a população estudada, sobretudo, em relatórios de experiência em campo. Seguindo essa pista, podemos afirmar que fomos ao ambiente rural, lugar privilegiado para a pesquisa tradicional qualitativa de longa duração, mas levamos o método “citadino”, conforme Durham:

¹ A versão original deste artigo foi aprovada no GT - Recepção, Circulação e Usos Sociais das Mídias, da XXIX Compós, e liberada para publicação, tendo em vista o adiamento do encontro.



Na pesquisa que se faz nas cidades, dentro de um universo cultural comum ao investigador e ao objeto da pesquisa, a participação é antes subjetiva do que objetiva. O pesquisador raramente reside com a população que estuda [...] Mas busca, na interação simbólica, a identificação com os valores e aspirações da população que estuda (1986, p. 26).

Importante observar ainda que, na perspectiva antropológica citada, a entrevista é o meio principal de coleta de dados. Nossa pesquisa também teve essa técnica como instrumento fundamental, embora associado com outras: formulário individual e de família, diário de campo, observação e registro fotográfico.

Enfim, no âmbito da pesquisa empírica, privilegamos a compreensão de que “todas as tecnologias são intrinsecamente sociais já que são desenhadas, produzidas, utilizadas e governadas por pessoas” (Wajcman, 2017, p. 50). Em consequência, as práticas com as TICs estão constituídas por estruturas sociais e estabelecem relações com formações sociais mais amplas. Reconhecemos, também, que as TICs, contemporaneamente, têm dupla dimensão: são tanto mediadoras das relações sociais quanto instrumento de produção e representação do conhecimento elaborado pelo/a pesquisador/a. É dentro dessa última dimensão, de caráter teórico-metodológico, que se situa a argumentação do artigo.

Após essa breve explicitação de princípios, apresentamos nossa reflexão em dois movimentos. O primeiro abarca a produção de fotografias em campo, sem uma reflexão metódica que ampare o uso desse recurso. Ainda dentro desse registro, relatamos nossa experiência de devolução

e retorno de resultados mediante a entrega de um álbum de fotografias para cada família.

O segundo movimento traz implícita uma preocupação sobre a utilização do ato fotográfico em campo como produtor de dinâmicas. Tal entendimento colaborou na reconfiguração de relações entre pesquisador/a/entrevistado/a, ampliando o conhecimento sobre a situação em pauta. Constitui ainda este processo a elaboração de narrativas visuais sobre as propriedades rurais visitadas e sobre os sujeitos da pesquisa, ainda que acompanhadas de um texto escrito (Escosteguy; Bianchini; Ribas, 2019, p. 112-129).

Consideramos que este último movimento teve início ainda de modo bastante casual e somente vislumbramos sua potência ao término da investigação. Daí a razão de examinar o que foi feito nesses dois momentos, tendo como objetivo final uma proposição para o uso do recurso da fotografia em pesquisas sobre práticas com as TICs, independentemente do caráter rural ou urbano dos grupos investigados. Tratamos sobre tal proposta na seção final do artigo.

2. Primeiro movimento: a fotografia como registro, ilustração e devolução

A utilização da fotografia esteve presente desde o início da pesquisa, em 2014. As primeiras duas famílias que foram visitadas contaram com a intermediação de um agrônomo² que nos acompanhou nesse momento. Na primeira família visitada, o intermediador fez fotografias. Notamos que ele não solicitou autorização e que o uso de câmera e de *flash* inibiu a conversa. Por isso, acordamos que nas próximas visitas qualquer dos/as pesquisadores/as obrigatoriamente faria um pedido, mesmo que informal, para fotografar.³

2 As demais famílias que participaram da investigação foram indicadas a partir de sugestões dos próprios entrevistados/as.

3 Posteriormente, ocorreu a assinatura de um termo de consentimento para o uso de imagens.

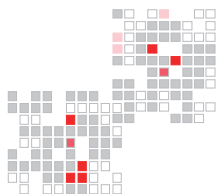


Foto 1. Imagem para registro



Fonte: Acervo da pesquisa

Foto 2. Imagem para registro



Fonte: Acervo da pesquisa

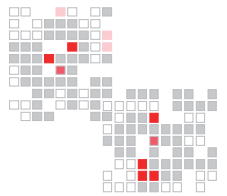


Foto 3. Imagem para registro



Fonte: Captada pelo intermediador

A fotografia, desta forma, foi inserida nas atividades primeiro como forma de registro livre, sem pretensão analítica. Praticamente toda a equipe usou o celular para registrar seja o trajeto percorrido entre a universidade, ponto de partida, até o centro urbano do município onde foi realizado o estudo, as propriedades rurais visitadas e suas respectivas casas⁴. Percebemos, de imediato, que essas fotografias ativavam a descrição de determinados detalhes nos diários individuais de campo, produzidos após as visitas.

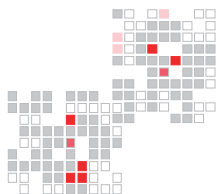
A partir dessa descoberta, em meio às saídas a campo e sem que tivéssemos tempo hábil para treinamento sobre o uso da fotografia como recurso na estratégia metodológica da pesquisa, foi incorporada uma proposta de retrato dos entrevistados com seus meios de comunicação favori-

tos. Isso aumentou a importância da fotografia, gerando novos comentários dos pesquisadores nos seus cadernos de campo. Ou seja, passou-se a registrar as diversas reações dos entrevistados ao serem convidados a posar para fotos ao lado do seu meio de comunicação predileto.

A partir daí foi produzido um conjunto de recomendações para fotografar em campo, o que motivou, também, nosso interesse em ampliar o conhecimento sobre o uso de imagens na investigação. Dado que essa experiência implicou uma relativa sistematização sobre o recurso fotográfico, faz parte do que aqui consideramos segundo movimento na pesquisa, que será esmiuçado na próxima seção.

Situamos, ainda no primeiro movimento, a produção e entrega de álbuns de fotografias da propriedade e da família, embora isto tenha ocorrido ao final da pesquisa. Essa foi a última experiência em campo e de contato com as famílias. Ocorreu em nova visita a cada uma delas, como forma de devolução de resultados e agra-

⁴ A maioria das fotografias de nosso acervo foi registrada com telefones celulares dos integrantes da equipe. Apenas dois deles utilizaram máquinas semiprofissionais, modelos DSLR (Digital Single Lens Reflex).

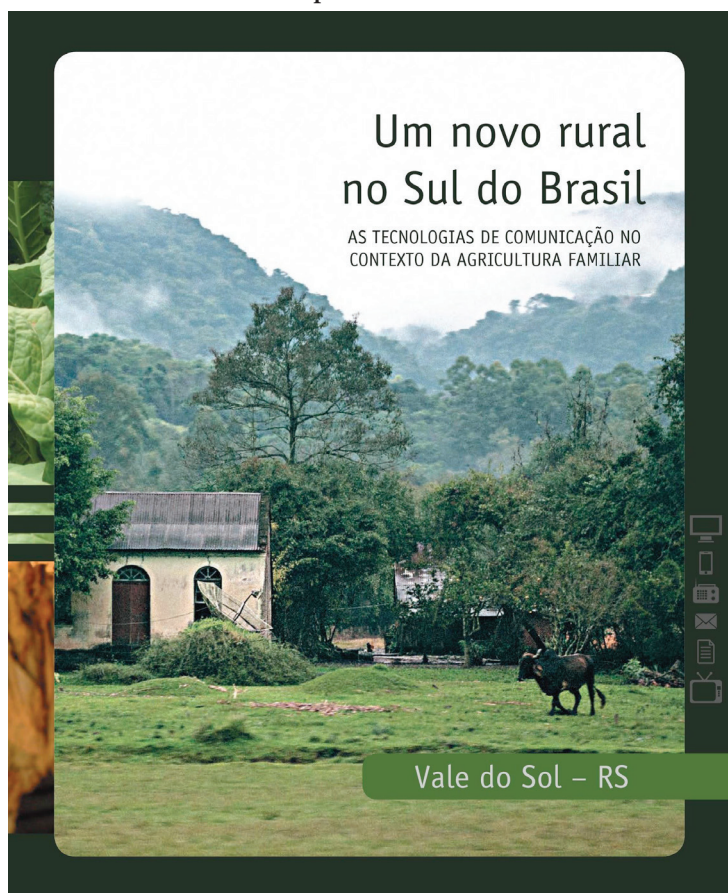


decimento. Portanto, a fotografia também acabou promovendo a realização de mais uma etapa de contato e interação, não prevista inicialmente. A ideia era dar um retorno sobre a pesquisa e agradecer a todos que gentilmente cederam seu tempo à investigação. Produzimos sete álbuns de família, editados e impressos, contendo retratos e fotografias de cada lugar visitado. Cada grupo familiar recebeu uma coleção personalizada, in-

cluindo uma foto do grupo de pesquisadores que visitou a propriedade.

Na experiência de entrega, realizada em julho de 2017, em alguns casos, com um intervalo entre as visitas de dois anos, notamos que os álbuns geraram novos estímulos. Se nas primeiras visitas, por meio de formulários e entrevistas, indagamos sobre mudanças e incorporações de TICs na família, neste último contato, o álbum

Foto 4. Capa do álbum de família



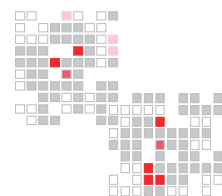
Fonte: Acervo da pesquisa

encorajou comparações entre o antes e o depois (novas aquisições de aparelhos, novas configurações nas casas etc.). A comparação foi assunto tratado espontaneamente em todas as conversas, registrada em um diário de campo coletivo⁵.

Assim, concluímos que a produção e entrega

dos álbuns também constituiu um importante instrumento de pesquisa, tanto para geração de novas informações quanto para “prestar contas” à comunidade participante. Ainda, o álbum conserva a memória das visitas e o envolvimento de cada uma das famílias em tal atividade. Porém, destacamos que a “leitura” conjunta dos álbuns, na ocasião de sua entrega, constituiu uma ma-

⁵ Após as visitas às famílias para entrega do álbum, decidimos construir um diário coletivo que registrasse nossas impressões, bem como enumerasse as modificações que foram relatadas nessa ocasião.



neira eficaz de retroalimentar a relação entre a equipe de pesquisa e as famílias. Neste caso, a fo-

tografia serviu ainda como objeto de intercâmbio entre “nós” e “eles/elas”.

Foto 5. Imagem da entrega do álbum



Fonte: Acervo da pesquisa

3. Segundo movimento: pensando um método para o recurso fotográfico

Foi no andamento da pesquisa que se percebeu a fotografia como um instrumento potente para além do registro e da conservação da memória sobre os locais visitados. Considerou-se que as imagens colaboravam para relatos de campo

mais detalhados. Além disso, os primeiros retratos com as tecnologias de comunicação favoritas propiciavam ampliar o conhecimento sobre seus usos. A partir desse momento, foi concebido um guia com orientações e fotografar tornou-se parte integrante da estratégia metodológica da pesquisa.

Quadro 1. Guia utilizado

Recomendações para fotografar em campo.

Servem para mantermos algum padrão nos registros das famílias e possamos utilizar as fotos depois para algum tipo de análise ou consulta.

1. retratos individuais das pessoas entrevistadas:

- ao lado ou utilizando os meios de comunicação preferidos.
- olhando para a câmera.
- com flash
- plano americano, frontal

2. fotos dos ambientes compartilhados pela família, em que apareçam televisão, telefone, rádio etc.

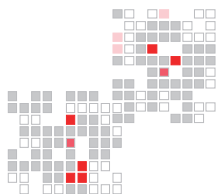
- plano aberto
- com ou sem as pessoas

3. fotos gerais da propriedade

- o que o fotógrafo achar interessante para registrar um pouco das características de cada família (exemplo: fachada da casa)

Obs.: Não precisa fotografar muito. É apenas um registro auxiliar. Cuidar para que não haja constrangimento, nem atrapalhe as entrevistas. Sempre pedir autorização antes de clicar.

Fonte: Escosteguy et al, 2019, p. 92.



Com o intuito de fotografar, o pesquisador deslocava-se até o local indicado pelo entrevistado e acabava conhecendo, vendo e indagando mais sobre as condições em que se davam os usos dos meios favoritos. Portanto, foi possível complementar e aprofundar informações sobre os espaços compartilhados pela família, como também aqueles individualizados no que diz respeito ao uso cotidiano de TICs. Este foi um resultado que impactou e qualificou a produção de conhecimento no desenrolar do estudo.

A produção fotográfica acabou integrando-se à dinâmica da pesquisa de campo. Na captação do retrato, mais do que o resultado final, era importante atentar para as circunstâncias de produção do mesmo, registradas nos diários de campo. Em última instância, a interação estabelecida entre entrevistado/a/entrevistador/a-fotógrafo/a foi o que permitiu o aprofundamento e a produção de novas informações. Nesse sentido, a produção de imagens também permitiu a reconfiguração de relações entre entrevistado/a e entrevistador/a.

Foto 6. Retrato realizado após incorporação do guia



Fonte: Acervo da pesquisa

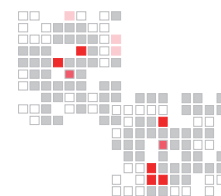


Foto 7. Retrato realizado após incorporação do guia



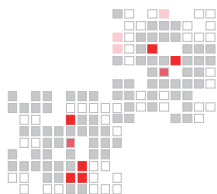
Fonte: Acervo da pesquisa

58

Diferentemente da entrevista e dos formulários, a equipe não trabalhou previamente em oficinas o uso da fotografia. Sendo assim, o material mais consistente ficou limitado às últimas saídas de campo, quando foi adotado o guia – Quadro 1. Mesmo assim, essas fotos geraram situações observáveis em campo e permitiram ampliar o conhecimento sobre a configuração do espaço

familiar a partir dos usos e apropriações de TICs.

Para demonstrar, relatamos a experiência com uma idosa que lê diariamente pensamentos de um calendário alemão, recolhida em seu quarto pela manhã. Se as informações de sua predileção se reduzissem a pergunta e resposta no formulário (a primeira ferramenta utilizada em campo), teríamos apenas as informações do Quadro 2.



Quadro 2. Formulário de Am. P.

Dados pessoais

1. Idade: 89
2. Estado civil: viúva
3. Atividades: agricultora e dona de casa
4. Residência na infância: (X) Campo () Cidade
5. Trabalho dos pais na infância: agricultura (fumo)

[...]

Mídia

14. Que meios de comunicação (TV, jornal, revista, rádio, internet) você usa?

TV e livro-calendário alemão (Die Gute Saat).

15. TV (X) Sim () Não

Emissora: Rede Globo

Programa: novelas

Local: cozinha

Horário: 16h30, 18h e 19h

[...]

20. Livros (X) Sim () Não

Tipo: livro-calendário alemão (Die Gute Saat), com mensagens diárias e passagens da Bíblia

Local: quarto

Horário: manhã

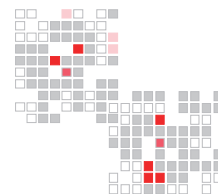
Frequência: diariamente

21. Qual o seu meio de comunicação favorito? Livro

Fonte: Escosteguy et al, 2019, p. 93-94.

Já a entrevista, que se deu em outra visita, revelaria um pouco mais sobre o tema, conforme a transcrição no Quadro 3. Nota-se a ampliação de sua resposta sobre o meio de comunicação preferido. Junto ao livro alemão, citado no formulário, mencionou a televisão e jogar pife. Embora o jogo de cartas não seja uma TIC, foi preciso considerar tanto sua interpretação da pergunta quanto

sua resposta. Ainda, por meio da entrevista, ficamos sabendo que o hábito da televisão é compartilhado com os netos, filho e nora, no ambiente da cozinha. Já o jogo de pife costuma ser a principal atração entre mulheres no clube da comunidade. Ou seja, a interlocutora trouxe dois hábitos ligados à sociabilidade, ao lado do costume solitário de ler de manhã no seu dormitório.



Quadro 3. Entrevista com Am. P.⁸

Entrevistador 1: Eu fiz uma pergunta pra senhora, na outra vez, eu vou fazer de novo, mas eu queria que a senhora me explicasse um pouco. Qual o seu meio de comunicação favorito?

Am.: [...]

J. P. (neto, 18 anos): Ela gosta mais de ler, olhar TV e jogar pife.

Entrevistador 1: Olha só.

(risadas)

Nesta ordem?

Am.: Ahan.

[...]

Entrevistador 2: A senhora considera o pife da mesma maneira que a senhora considera ler ou a televisão?

J.: [...]

Entrevistador 2: É um divertimento.

Am.: [...]

J.: Ela ainda prefere um pouquinho mais o pife.

Entrevistador 2: Porque ela ganha. (risadas)

Fonte: Escosteguy et al, 2019, p. 94.

Na sequência, ao realizarmos o retrato e depois relatarmos as condições e fatos gerados durante a produção das imagens, apareceram mais informações, conforme mostra

o Quadro 4. Nota-se que, tanto no formulário, quanto na entrevista e no retrato, a questão girava em torno da pergunta “qual seu meio de comunicação favorito?”

60

Quadro 4. Relato de Campo nº5

[...]

A entrevista com Am. P. ocorreu de forma fluida, por mais que as quebras na fala, por causa da tradução, dificultassem um pouco. Ela parecia bem-humorada e disponível para a conversa. [...] acredito que devido à sua idade e à resistência demonstrada na primeira visita, em abril, Am. foi bem receptiva e participativa. Só, no final, ficou indecisa quanto ao meu pedido de fotografá-la. Mas após insistência dos netos que estavam presentes, assentiu. Seu meio de comunicação predileto era um calendário de mensagens. Perguntei onde ela costumava ler. Era no quarto. Então sugeri realizarmos o retrato no quarto, mas ela desaprovou. Acabamos fotografando na cozinha, onde ela costuma sentar para assistir à televisão.

[...]

Fonte: Escosteguy et al, 2019, p. 95.

A senhora Am. P. não se comunicava em português. Contamos com a tradução simultânea do seu neto J. P. (18 anos). Quando há três pontos entre colchetes, entende-se que a entrevistada falava em alemão.

Esse exemplo é importante para mostrar os resultados da adoção sistemática da fotografia em campo. A nossa estratégia metodológica instrumentalizou a fotografia, em um segundo movimento, para provocar uma dinâmica a ser interpretada e não como representação de um “real”. No caso recém comentado, Am. P. negou-se a atender o pedido para fotografá-la na intimidade do seu dormitório, local onde faz a leitura do seu meio favorito.

De todo modo, na sociologia, ainda que se postule a fotografia como importante documento, não se deixa de grifar seus desafios. Para José de Souza Martins (2009, p. 11), “tomar a imagem fotográfica como documento social em termos absolutos envolve as mesmas dificuldades que há quando se toma a palavra falada, o depoimento, a entrevista, em termos absolutos, como referência sociológica, que são as dificuldades de sua insuficiência e de suas limitações”.

Na nossa experiência em campo, a produção do material fotográfico é resultado da interação entre o/a pesquisador/a e as famílias participantes da investigação. Tratou-se de uma provocação da equipe para que as pessoas escolhessem como seriam fotografadas. Para Martins, a informação que o pesquisador obtém está necessariamente contaminada por sua presença. “Ao entrar na realidade investigada interage e, ao interagir, altera necessariamente o conhecimento de senso comum referencial das populações estudadas” (Martins, 2009, p. 14). Desta forma, é importante que o pesquisador analise a interpretação que o entrevistado faz dos processos interativos que vive, e desvende as conexões entre o visível e o invisível.

Reforçamos que, mais importante que as informações visuais que a fotografia carrega, nos debruçamos, nesta situação, justamente na interação com os fotografados. Interessava-nos o que o convite para o retrato gerava no comportamento das pessoas e que tipo de resposta elas davam.

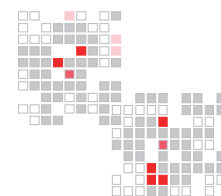
Portanto, não houve preocupação com uma suposta e utópica fidelidade ao cotidiano estudado, como se ele pudesse se cristalizar na imagem. Temos ciência das constantes reconfigurações que envolvem a presença não só de familiares, mas também dos pesquisadores na realidade investigada.

Assim, procuramos inferir sobre as dinâmicas espaciais em cada núcleo familiar, levando em conta que o próprio fotografado, em muitas circunstâncias, é um poderoso coadjuvante do ato fotográfico. Importante notar que “a cultura popular da imagem [...] considera lícita a transformação de certos momentos da vida [...] em imagem fotográfica” (Martins, 2009, p. 15), mas considera que outros momentos e situações devem ser interditados à visão do fotógrafo. Assim, anotando permissões e interdições à fotografia, pode-se obter mais informações sobre regras de acesso a situações e espaços.

Enfim, ao ter em mente múltiplas contribuições da antropologia visual (Ribeiro, 2005, p. 632-3), identificam-se ao menos três objetivos principais: realização do trabalho de campo (estratégia adequada de pesquisa), construção de discurso ou narrativas visuais e análise dos produtos visuais.

Considerando o primeiro objetivo, em uma pesquisa que tem como principal foco os usos de tecnologias de comunicação, acreditamos que a fotografia serve como um instrumento para descrever e problematizar a cultura em contextos privados, tais como o ambiente de uma família. Por se tratar de um trabalho que dispõe de pouco tempo de contato com os grupos estudados, o ato de fotografar pode visar o registro de informações enquanto provoca novas situações observáveis.

Sobre a construção de narrativas visuais, publicamos, em *As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais – (Re) Configurações de uma ruralidade* (2019), duas seções onde exerci-



tamos parcialmente a construção de uma narrativa visual – *A geografia da propriedade rural* (p. 119-129) e *Os sujeitos da pesquisa* (p. 119-129), ainda que acompanhada de texto escrito. Isso ocorreu devido ao fato de não termos refletido com método sobre sua construção.

No entanto, aderimos ao entendimento de que “a fotografia deve ser fruto de um longo processo de construção, a construção de uma descrição visual. As fotografias no resultado final devem formar um todo”. Isto é, “devem se oferecer apenas ao olhar, sem nenhum texto intercalado” (Achutti, 2002/2003, p. 4). O trabalho pioneiro de Leal (1983), especialmente, sobre a televisão, é um marco a esse respeito.

Já em relação à análise dos produtos visuais, optamos por a) fazê-la de forma privada, dentro do relacionamento entre pesquisadores e participantes, mediante a produção do álbum e sua entrega e b) apresentar uma série de fotos que oferecem a possibilidade de reconstituição imagética dos espaços investigados e dos atores com seus meios de comunicação favoritos. Não se pretendeu, com isso, a produção de material visual para fins de exposição e/ou educativos. Contudo, ao realizarmos a confecção de “álbuns de família”, com a finalidade de devolvê-los à comunidade participante, provocamos mais uma atividade de observação. Sendo assim, esse último objetivo adquiriu um sentido particular no contexto da pesquisa quando os álbuns foram “lidos” pelos próprios fotografados e suas impressões registradas e incorporadas em nossas análises de suas práticas com as TICs.

Cientes das atuais tendências na antropologia visual, em que pesquisador e interlocutor estabelecem uma base comum de compreensão, consideramos o seguinte paradigma:

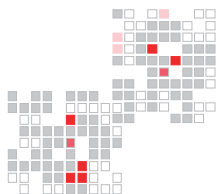
Historicamente as origens da antropologia visual assentam em pressupostos positivistas, isto é, que uma realidade objetiva é observável

e que o rigor da observação é dependente dos métodos de pesquisa. No entanto, frequentemente se admite a natureza socialmente construída da realidade cultural e a natureza experimental de nossa compreensão de qualquer cultura, e é nesse contexto que de modo habitual se situa a antropologia visual, identificada por vezes como pós-estruturalista e pós-modernista (Ribeiro, 2005, p. 629).

Essa desmistificação do rigor e da objetividade em nome da observação das relações produzidas pelo ato fotográfico orientou a elaboração de um novo protocolo de trabalho de campo, que será exposto a seguir. Parte-se ainda do pressuposto de que esse relacionamento ocorre em um contexto onde frequentemente etnógrafos e participantes da pesquisa têm acesso a tecnologias muito similares – isso concretiza o que foi dito anteriormente a respeito da dupla dimensão das TICs. Segundo Sarah Pink, os domínios do trabalho de campo contemporâneo “estão saturados com imagens visuais, práticas de criação de imagens e aparência” (2013, p. 5, tradução nossa). Então, esse contexto deve ser considerado e trabalhado pela etnografia. Uma das formas emergentes de se fazer isso é envolver ativamente a comunidade estudada na produção visual. No nosso caso, mesmo que não ofereçamos máquinas fotográficas para os informantes produzirem imagens por si mesmos, contamos com suas sugestões para definir o local de captação dos retratos.

4. Uma proposta para o uso da fotografia no estudo de práticas com as TICs

A partir de uma reavaliação do que foi feito ao longo do estudo citado, reelaboramos o guia original de trabalho de campo e apresentamos uma proposta de protocolo para atividades fotográficas. Consideramo-lo um passo adiante no uso do recurso da fotografia, pois implica uma reflexão metodológica mais aprofundada.



Por isso, pode compor o conjunto de metodologias multidisciplinares aplicado a pesquisas sobre práticas com as TICs. Reiteramos que é essencial

a realização de uma oficina de preparação, em que aspectos estéticos e metodológicos sejam abordados com intuito de formação dos pesquisadores. A seguir apresentamos o protocolo:

Quadro 5. Protocolo para o uso do recurso fotográfico em estudos de práticas com as TICs

Objetivos: Tecnicamente, pretende-se manter um padrão nos registros fotográficos, para efeitos de comparação, análise e consulta.

A inserção do ato fotográfico em campo visa principalmente provocar situações observáveis, em que as reações dos fotografados poderão ser relatadas pelos pesquisadores.

O ato de fotografar insere-se como um gatilho para provocar os entrevistados a demonstrarem como reagem à utilização de uma determinada tecnologia envolvendo-os pessoalmente.

Equipamento: Câmeras SLR (Single Lens Reflex), que têm aparência de equipamento profissional (não as compactas). Pois sugerem mais formalidade do que produzir um retrato com celular, por exemplo. O entrevistado tende a valorizar mais, como um ato importante de registro fotográfico.

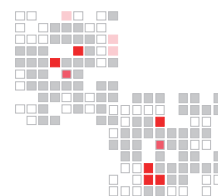
Fotografar:

1. retratos individuais das pessoas entrevistadas:
 - com os meios de comunicação preferidos (ao lado ou utilizando-os).
 - olhando para a câmera (posados).
 - com flash, plano americano e frontal.
2. fotos dos ambientes principais, compartilhados pela família, em que apareçam televisão, telefone, rádio etc. (para rememorar a disposição dos ambientes citados nas entrevistas).
 - plano aberto
 - com ou sem as pessoas
3. fotos gerais da propriedade (conteúdo extra que pode ser usado para ilustrar apresentações da pesquisa).
 - o que o fotógrafo considerar interessante registrar sobre as características de cada família (exemplos: fachada da casa, *closets* em TICs)

Observações:

- não fotografar em demasia, porque se trata de um registro complementar na pesquisa.
- cuidar para que não haja constrangimento, nem atrapalhe as entrevistas.
- sempre pedir permissão para as pessoas antes de clicar.

Relato de Campo: Mais importante que o resultado obtido com as imagens é o relato de campo, onde o fotógrafo deve descrever a experiência na interação com os fotografados.



De modo geral, esse protocolo pressupõe compreender a fotografia como meio para provocar diferentes dinâmicas relacionadas aos usos de meios de comunicação. Consideramos, ainda, que por estar relacionada à cultura da imagem e das TICs, a presença da câmera fotográfica constitui-se por si só um elemento de ativação de comportamentos instigantes para estudo. Daí a opção final por uso de máquinas DSLR (Digital Single Lens Reflex) de pequeno porte. Também, destaca-se que esses equipamentos proporcionam melhor qualidade para a confecção de impressões, o que chancela a posição de profissionalismo dos pesquisadores e a confiança por parte dos informantes. Outro motivo é que, no ato interativo de produção das imagens, promove-se um acontecimento fotográfico, ou seja, um momento que é valorizado pelo/a informante, já que são acionados comportamentos relativos ao “ser fotografado/a”. Já em nossa experiência, observamos a ativação de falas e reflexões sobre o ato de ser fotografada/o. Esse tipo de acionamento relaciona-se diretamente com as interpretações e visões das pessoas em relação aos usos de TICs e ao contexto midiático em que estão inseridas.

Também propomos a captação de fotografias de forma esteticamente neutra e que reúna bom volume de informações, com técnica mínima adequada⁶. Por isso, indica-se fotografar com *flash*, frontal e plano americano, no caso dos retratos. O *close* nos objetos também é útil para produzir documentação que poderá ser acessada em trabalhos posteriores, bem como por outros pesquisadores com outros interesses.

A avaliação que fazemos do percurso de cinco anos de pesquisa junto a famílias agricultoras é

que a fotografia ganhou importância como ferramenta auxiliar e proporcionou a coleta de novos dados, a partir do momento em que foi incorporada de forma sistemática e metódica. Os desdobramentos e o potencial do método elaborado de forma intuitiva e improvisada, baseado na experiência e na consulta à bibliografia básica da antropologia e da sociologia, não se desvendaram por completo, visto que realizamos as reflexões *a posteriori*. Mesmo assim, reunimos e expomos aqui evidências de que a produção de imagens nos estudos das práticas com as TICs pode ser um componente muito útil na metodologia qualitativa que se inspira na etnografia, e mantém contato com as pessoas de forma mais breve e pontual.

Os atos fotográficos são, assim, catalisadores de dinâmicas de campo, que proporcionam situações observáveis que cruzam os contextos midiáticos com os próprios das comunidades estudadas. Percebe-se aí o potencial do deixar-se fotografar e as implicações das escolhas de local, forma, pose, momento, estado de espírito etc., no entendimento que os indivíduos e as comunidades têm de si e/ou desejam representar para os outros. No âmbito dos Estudos Culturais articulados à Comunicação e, especialmente, nos estudos de práticas com as TICs, ressaltamos a relevância que adquirem as representações para a compreensão das culturas contemporâneas. Abre-se aí mais um horizonte para a reflexão epistemológica sobre as tecnologias, entendidas tanto como objeto “de” quanto “para” conhecimento.

6 O parâmetro técnico mínimo é de fotografias sem imagem tremida e com resolução suficiente para visualização em tela de computador.

Referências

- ACHUTTI, L. E. Fotos e palavras, do campo aos livros. *Studium* (UNICAMP), Campinas, v. 12, 2002/2003. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/12/1.html>. Acesso em: 17 fev. 2020.
- DURHAM, E. R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. CARDOSO, R. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1986. p. 17-38.
- ECKERT, C; ROCHA, A. L. C. Antropologia da imagem no Brasil: experiências fundacionais para a construção de uma comunidade interpretativa. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 17, n. 41, jan/jun, 2016. p. 277-297.
- ESCOSTEGUY, A. C.; BIANCHINI, A.; RIBAS, J. V. As famílias rurais. In: ESCOSTEGUY, A. C. D. et al. *As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais: (Re)Configurações de uma ruralidade*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019, p. 112-129.
- ESCOSTEGUY, A. C. D. et al. *As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais: (Re)Configurações de uma ruralidade*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019. 213p.
- GUERIN, Y. S; DEPONTI, C. M; FELIPPI, A. C. T. Novos olhares sobre a ruralidade. In: ESCOSTEGUY, A. C. D. et al. *As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais: (Re)Configurações de uma ruralidade*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019, v. 1. p. 32-52.
- LEAL, O. F. Os televisores, os objetos, os gostos e seus espaços. In: LEAL, O. F. *A leitura da novela das oito*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UFRGS, 1983, p. 70-85.
- MARTINS, J. S. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2009.
- NEVES, S.; NOGUEIRA, C. Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço da investigação em ciências sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (3), 2005. p. 408-412.
- PINK, S. *Doing visual ethnography*. Londres: Sage Publications, 2013.
- RIBEIRO, J. S. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 48, n. 2, jul./dez., 2005.
- WAJCMAN, J. *Esclavos del tempo. Vidas aceleradas en la era del capitalismo digital*. Paidós: Barcelona, 2017.

